

# INCLUSÃO DE ALUNOS ESTRANGEIROS NO ENSINO FUNDAMENTAL: PERSPECTIVA DA EQUIPE DIRETIVA, PROFESSORES E ALUNOS

Tainara Cazanatto <sup>1</sup>  
Fernanda Zorzi <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo visa contribuir com a discussão acerca da temática da inclusão de alunos estrangeiros em uma escola pública da Serra Gaúcha - RS, e ao mesmo tempo, observar como se configura essa questão no ambiente escolar. Este estudo foi realizado no período do Estágio Supervisionado de Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental, do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. Teve por objetivo analisar a inclusão de alunos estrangeiros no ensino fundamental, a partir da perspectiva da equipe diretiva, professores e alunos, com foco em quatro estudantes venezuelanos, matriculados em uma turma de sexto ano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais buscaram compreender desafios e possibilidades da convivência intercultural no âmbito escolar. Assim, os resultados evidenciam que, apesar das barreiras linguísticas e culturais, a presença de alunos estrangeiros enriquece o ambiente escolar e promove práticas pedagógicas mais inclusivas. Desta forma, a escola desempenha um papel central na construção de uma sociedade para todos, o que demonstra ser necessário fortalecer políticas públicas e estratégias pedagógicas que garantam a participação efetiva dos discentes imigrantes. Com relação às constituições para a constituição da minha docência, este estudo permitiu a ampliação do olhar mais para a equidade de ensino e a compreensão de que a abordagem da matemática no contexto escolar, não se limita ao estudo de conteúdos da área, mas ao acolhimento, valorização da cultura e da diversidade. Além disso, este estudo potencializou minha percepção sobre o papel da escola e dos docentes na efetividade dos processos de inclusão.

**Palavras-chave:** Inclusão; Alunos Estrangeiros; Ambiente Escolar; Cultura.

## INTRODUÇÃO

A crescente mobilidade humana, intensificada por crises políticas, sociais e econômicas, tem provocado fluxos migratórios significativos em diversas regiões do Brasil. Conforme o último Censo Escolar, feito em 2016 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o número de matrículas de alunos estrangeiros em escolas brasileiras mais do que dobrou entre 2008 e 2016, pois passou de 34 mil para 73 mil matrículas, tornando-se a maior parte desses alunos, perto de 64%, matriculados em escolas da rede pública. E um dos grupos que mais se destaca nesse cenário é o dos imigrantes

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - BG, [tainaracazanatto@gmail.com](mailto:tainaracazanatto@gmail.com);

<sup>2</sup> Docente de Matemática do IFRS - BG. Doutora em Educação pela Unisinos - RS, [fernanda.zorzi@bento.ifr.edu.br](mailto:fernanda.zorzi@bento.ifr.edu.br).



venezuelanos, que buscam melhores condições de vida e oportunidades de inserção social. De acordo com o Censo de 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 havia 2.869 venezuelanos no Brasil. Já em 2022, o número aumentou para 271.514. Nesse contexto, a escola se torna um espaço importante na promoção da inclusão e da convivência intercultural, visto que a convivência em um ambiente educativo possibilita a desconstrução de preconceitos e valoriza as diferenças, garantindo que os estudantes, independentemente de suas especificidades, tenham direito a uma educação de qualidade, acessível e significativa.

A inclusão de alunos estrangeiros no ensino fundamental apresenta desafios e oportunidades. Por um lado, há barreiras linguísticas, culturais e pedagógicas que precisam ser superadas, por outro, existe a possibilidade de enriquecer o ambiente escolar com novas perspectivas, saberes e experiências. Como afirma Mantoan (2003), a inclusão escolar não se limita a garantir acesso físico às instituições, mas envolve a criação de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade. Nesse sentido, a presença de alunos venezuelanos em escolas brasileiras exige uma reflexão sobre como a equipe diretiva, os professores e os próprios estudantes vivenciam esse processo.

A ideia de inclusão também pode ser entendida a partir da etnomatemática, proposta por D'Ambrosio (2001), que chama atenção para a importância de reconhecer os conhecimentos culturais que cada grupo carrega. Quando a escola valoriza os saberes que os alunos estrangeiros trazem, ela amplia seu papel social e fortalece o encontro entre diferentes culturas. Já Skovsmose (2001) destaca a relevância de uma educação crítica, que ajude a questionar desigualdades e a promover a autonomia. Pensar na inclusão dessa forma significa ir além de apenas adaptar práticas, é buscar transformar o cotidiano escolar para que todos possam participar de maneira significativa. Além disso, Sasaki (1997) contribui com a concepção de inclusão social como um movimento que busca construir uma sociedade para todos, em que as diferenças não sejam vistas como obstáculos, mas como elementos constitutivos da convivência humana. A escola, nesse sentido, desempenha papel central na efetivação desse ideal, ao acolher e integrar alunos de diferentes origens.

Nesta perspectiva, este artigo tem como objetivo analisar a inclusão de alunos estrangeiros no ensino fundamental, a partir da perspectiva da equipe diretiva, dos professores e dos estudantes, com base em entrevistas realizadas em uma escola Municipal de Bento Gonçalves. Busca-se compreender como eles percebem os desafios e as possibilidades da



convivência intercultural, relacionando suas experiências com referenciais teóricos de forma exploratória. A relevância do estudo reside na necessidade de fortalecer práticas inclusivas que contribuam para a formação de cidadãos críticos, solidários e conscientes da diversidade cultural que compõe a sociedade brasileira.

## **REFLEXÕES SOBRE A MOBILIDADE DE ESTUDANTES**

A inclusão de alunos estrangeiros no ensino fundamental deve ser compreendida a partir de diferentes referenciais teóricos que abordam a diversidade cultural, a educação crítica e a construção de uma sociedade inclusiva. Nesta perspectiva, Ubiratan D'Ambrosio (2001) introduz o conceito de etnomatemática, que busca valorizar os conhecimentos matemáticos presentes nas diversas culturas e práticas sociais. Para o autor, a escola não deve se limitar a transmitir conteúdos universais, mas precisa reconhecer os saberes que os alunos trazem de suas experiências de vida. No caso dos estudantes venezuelanos, isso significa considerar suas práticas culturais e linguísticas como parte integrante do processo educativo. A etnomatemática, portanto, contribui para uma educação que respeita a pluralidade e promove o diálogo intercultural. D'Ambrosio (2001, p. 79–80) destaca que:

O encontro de culturas é um fato tão presente nas relações humanas quanto o próprio fenômeno vida. Não há encontro com outro sem que se manifeste uma dinâmica cultural. No período colonial, essa dinâmica foi resolvida através de sistemas educacionais com objetivos explícitos de dominação e subordinação. [...] O que se questiona é a agressão à dignidade e à identidade cultural daqueles subordinados a essa estrutura. Uma responsabilidade maior dos teóricos da educação é alertar para os danos irreversíveis que se podem causar a uma cultura, a um povo e a um indivíduo se o processo for conduzido levemente, muitas vezes até com boa intenção, e fazer propostas para minimizar esses danos.

Ole Skovsmose (2001) defende uma educação matemática crítica, que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se orienta para a formação de cidadãos capazes de questionar e transformar a realidade. Essa perspectiva é especialmente relevante quando se trata da inclusão de alunos estrangeiros, pois permite problematizar as desigualdades sociais e culturais que permeiam o ambiente escolar. A presença de estudantes venezuelanos pode ser vista como uma oportunidade para desenvolver práticas pedagógicas que estimulem a reflexão crítica sobre temas como migração, diversidade e direitos humanos. Assim como cita Cardoso (2017) que faz um estudo sobre a obra de Skovsmose:

O que se quer é direcionar a educação para que a sociedade seja democrática. Todavia, para desenvolver uma competência democrática, não basta que os alunos tenham habilidades em resolução de problemas. É necessário que as atividades educacionais estejam de acordo com a Educação Crítica. O autor, então, discorre sobre o que é a competência democrática e como ela é abordada em algumas



tendências educacionais. Ele propõe o desafio de como desenvolver materiais e situações de ensino e aprendizagem que sejam, ao mesmo tempo, abertos e capacitadores. (Cardoso, 2017, p. 2).

Maria Teresa Mantoan (2003) descreve que: “A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar apenas os alunos que apresentam dificuldades, mas apoia todos os envolvidos no processo educativo” (MANTOAN, 2003, p. 16), pois a inclusão não se resume à integração física dos alunos nas salas de aula, mas implica a transformação das práticas pedagógicas e da cultura escolar. A escola inclusiva é aquela que reconhece as diferenças como parte constitutiva do processo educativo e busca garantir a participação efetiva de todos os estudantes. No contexto da escola Municipal em que eu atuei, a inclusão dos alunos venezuelanos exige que professores e gestores desenvolvam estratégias que favoreçam o aprendizado, a convivência e o respeito às diferenças culturais e linguísticas.

Romeu Sassaki (1997) amplia o conceito de inclusão para além do espaço escolar, propondo a construção de uma sociedade para todos. Para o autor, a inclusão social envolve a eliminação de barreiras físicas, comunicacionais e comportamentais que impedem a participação plena das pessoas. Aplicado ao contexto escolar, esse conceito implica criar condições para que os alunos estrangeiros se sintam acolhidos e valorizados, não apenas como estudantes, mas como sujeitos de direitos. O autor destaca que: “Inclusão é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais” (SASSAKI, 1997, p. 41). A escola, nesse sentido, desempenha papel fundamental na promoção da inclusão social, ao preparar os indivíduos para a convivência em uma sociedade diversa.

## **METODOLOGIA**

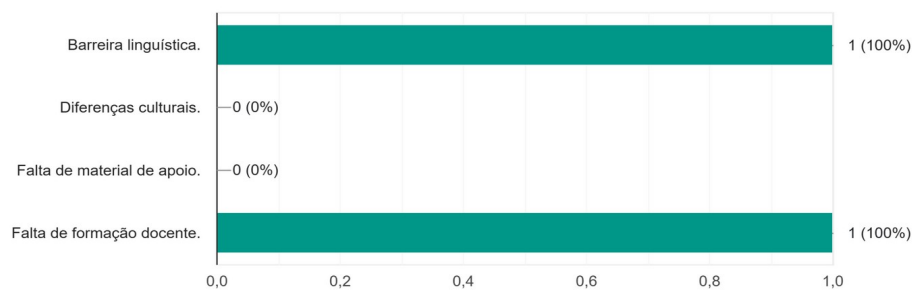
As entrevistas foram elaboradas via *Microsoft forms*<sup>3</sup> com a equipe diretiva e os dezoito professores. Já com os quatro estudantes venezuelanos (meninos) do sexto ano, foram semiestruturadas e registradas em áudio, transcritas de forma narrativa, permitindo que os participantes expressassem suas percepções de forma livre, mas garantindo que os temas centrais fossem abordados. Inicialmente, realizei a entrevista (APÊNDICE I) com a equipe diretiva. A escola recebe há cerca de dois anos alunos venezuelanos de diferentes idades, também estão matriculados em torno de 37 estudantes imigrantes. O ambiente educacional

<sup>3</sup> Disponível em: <https://forms.gle/ytnuBozNwppAk8ak8>  
Acesso em: 01 dezembro 2025.



não possui nenhum plano de acolhimento específico para eles e suas famílias. A diretora aponta que as dificuldades da instituição estão em barreiras linguísticas e falta de formação docente, apesar de que, ocasionalmente oferece formação para os professores sobre a diversidade cultural e ensino de alunos imigrantes em conformidade, nos gráficos 1 e 2. Ela também concorda que a presença destes estudantes contribui para a diversidade escolar e aprendizagem de outra cultura, todavia torna-se necessário ações para o fortalecimento da aprendizagem e acolhimento dos venezuelanos, assim como, acelerar a alfabetização e interação com a Língua Portuguesa é algo primordial.

Gráfico 1: Dificuldades que a escola enfrenta na inclusão dos alunos



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados no *Microsoft Forms* (2025).

Gráfico 2: A escola oferece alguma formação para professores sobre diversidade cultural



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados no *Microsoft Forms* (2025).

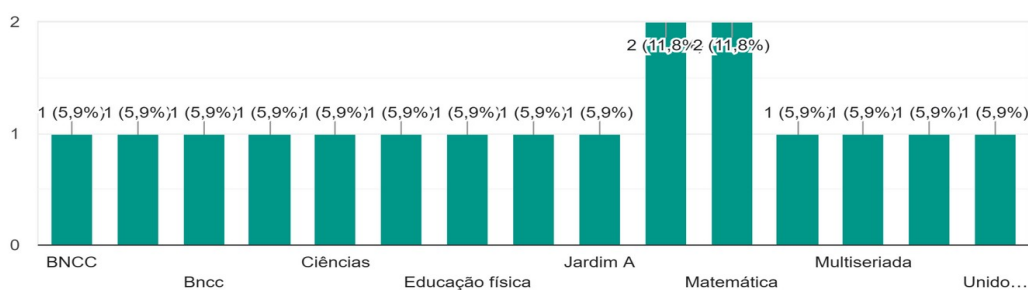
A direção da escola destacou os desafios administrativos relacionados à matrícula, documentação dos alunos estrangeiros, a adaptação da língua e inclusão dos estudantes. Essas percepções dialogam com Sasaki (1997), que aponta a necessidade de eliminar barreiras burocráticas e atitudinais para garantir a inclusão social. Assim, o esforço da equipe diretiva em acolher os alunos venezuelanos reflete por uma escola que seja espaço de construção de uma sociedade para todos. De acordo com Sasaki (1997, p. 41), “Inclusão é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”. Assim, a inclusão de alunos estrangeiros não deve ser vista apenas como desafio,



mas como oportunidade de enriquecer o ambiente escolar e fortalecer valores e respeito à diversidade.

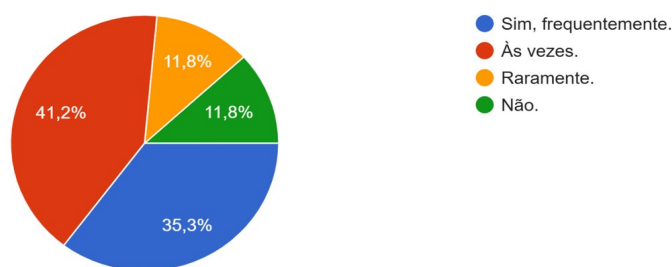
Foram elaboradas as entrevistas (APÊNDICE II) com dezessete professores atuantes na escola, de diferentes áreas do ensino fundamental como, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Educação Física e Educação básica. É importante destacar que 65 professoras estão no ambiente escolar, com variadas idades e que exercem a muito tempo no colégio. Todos os docentes destacaram que já tiveram alunos venezuelanos em sala de aula. Quando questionados em qual disciplina eles ensinam, 5,9% responderam à BNCC (GRÁFICO 3), fato que demonstra a importância de fortalecer e aprimorar a formação ampla dos professores.

Gráfico 3: Disciplina ministrada pelos docentes



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados no *Microsoft Forms* (2025).

Gráfico 4: Adaptar suas aulas de ensino aos alunos venezuelanos

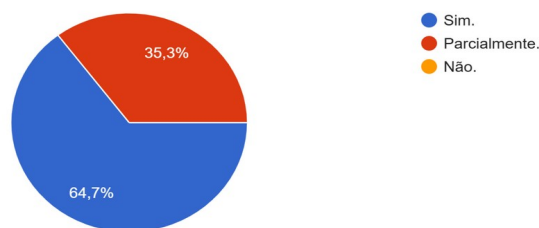


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados no *Microsoft Forms* (2025).

A questão (GRÁFICO 4) procurou investigar se os docentes adaptam suas aulas para os alunos venezuelanos. A maioria (41%) às vezes planeja suas aulas para os estudantes. Já 35% respondeu que frequentemente prepara suas aulas e o restante 23% raramente não organiza.

Gráfico 5: Venezuelanos se sentem acolhidos nas turmas

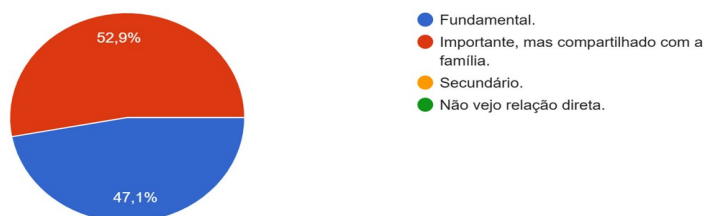




Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados no *Microsoft Forms* (2025).

Esta questão (GRÁFICO 5) destaca que a maioria (65%) dos migrantes se sente acolhidos pelos colegas, porém 35% dos professores notam que parcialmente são acolhidos.

Gráfico 6: O papel da escola no processo de integração cultural e linguística desses alunos



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados no *Microsoft Forms* (2025).

O gráfico 6 buscou examinar se o papel do ambiente escolar é importante na adaptação e processo de integração cultural e linguística dos alunos migrantes e 53% dos docentes ressaltaram que o papel da escola é importante junto às suas famílias, já 47% respondeu que apenas o ambiente escolar é fundamental neste processo.

Em suma, os resultados quando perguntado aos professores que ações pedagógicas eles consideram eficaz para melhorar o aprendizado e a inclusão dos alunos venezuelanos foi, em sua maioria, reforço linguístico, como revela as professoras A, B, C, D:

Os alunos estrangeiros necessitam de um suporte além da sala de aula para aprenderem a língua portuguesa e poderem compreender o quê os professores falam. Acredito que eles precisam de aulas de alfabetização, que poderiam ser oferecidas na escola mesmo, no contraturno. A partir do entendimento da língua, a compreensão e assimilação dos conteúdos torna-se mais viável e facilita o trabalho do professor. (Professora A, novembro de 2025).

Atendimento com sala de recursos para ajudá-los a compreender nosso idioma, pois percebo que, a dificuldade de comunicação e defasagem ao ensinar letras e formulações de palavras, devido aos fonemas do dialeto venezuelano ser contrário ao nosso exemplo o J para eles tem o som de R. (Professora B, novembro de 2025).

Tive uma aluna que já estava adaptada ao português na língua falada. Sua dificuldade aparecia na língua escrita e com isso, precisa ter flexibilização para a adaptação, não sendo possível avaliar da mesma forma que os demais. Com base nesse caso, acredito que aulas de reforço seriam importantes para que a aluna



pudesse avançar mais rápido no entendimento da outra língua. (Professora C, novembro de 2025).

Ajudá-los individualmente, repetir os conteúdos falando pausadamente. A criança tem que se sentir segura e confiante. A assistente social faz uma visita à casa deles para o observar e ajudar na higiene. As crianças são retiradas na Escola por outras crianças e menores. Falta comunicação Escola/Família. (Professora D, novembro de 2025).

Os professores relataram dificuldades iniciais com a barreira linguística, mas alguns desenvolvem estratégias pedagógicas para favorecer a aprendizagem. Essa prática se aproxima da concepção de Mantoan (2003), que defende a transformação das metodologias como condição para a inclusão escolar. Ao adaptar recursos lúdicos e incentivar a cooperação entre colegas, os docentes concretizam a ideia de que a diversidade é constitutiva do processo educativo. De acordo com Maria Teresa, “[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos.” (Mantoan, 2003, p. 12).

Posteriormente, foram entrevistados quatro alunos venezuelanos do sexto ano do ensino fundamental. Diretamente foi elaborado um questionário aos discentes, via gravação no celular, sendo autorizado pelos mesmos e transcritos de forma narrativa. Os dados coletados evidenciam aspectos importantes sobre sua inserção no ambiente escolar. Em relação ao tempo de permanência na escola, os estudantes relataram períodos que variam entre 8 meses e 2 anos. Já o tempo de residência no Brasil varia de 8 meses a 6 anos, indicando diferentes níveis de adaptação ao contexto local.

Quanto à recepção na escola, todos os alunos afirmaram ter sido bem recebidos por colegas e professores, embora alguns tenham relatado sentimentos de vergonha no início, o que demonstra um processo gradual de adaptação social e emocional. No que se refere às preferências nas aulas, destacaram-se as disciplinas de Educação Física, Ciências e Português, além de momentos como o recreio e o lanche, evidenciando a importância tanto das atividades pedagógicas quanto dos espaços de convivência.

Sobre as dificuldades de compreensão, dois alunos afirmaram não apresentar dificuldades, enquanto os demais relataram dificuldades pontuais, principalmente quando o professor fala rapidamente, o que reforça a questão da barreira linguística. Em relação ao apoio recebido, todos indicaram que contam com ajuda de colegas e professores, destacando a importância das interações no processo de aprendizagem.



Ao serem questionados sobre a escola no país de origem, alguns alunos relataram sentir saudade, enquanto outros apontaram diferenças, como a ausência de lanche ou recreio, evidenciando contrastes entre os sistemas educacionais. No que diz respeito às estratégias que auxiliam na aprendizagem, os estudantes mencionaram fatores como prestar atenção, ajuda da família, leitura e explicações dos professores. Por fim, ao sugerirem melhorias para a escola, os alunos enfatizaram a importância do ensino da língua portuguesa, sendo esta a principal necessidade apontada. Um dos estudantes também sugeriu o uso do espanhol pelos professores como forma de facilitar a comunicação inicial.

Os estudantes relataram sentimentos de acolhimento, mas também dificuldades de adaptação cultural e linguística. Um dos alunos afirmou: “No começo eu não entendia nada, mas os colegas me ajudaram e agora consigo acompanhar melhor”. (Aluno AA, novembro de 2025). Essa fala se relaciona com D’Ambrosio (2001), que enfatiza a importância de reconhecer os saberes culturais trazidos pelos alunos e não eles só seguirem o que os colegas fazem em sala de aula, por vezes eles se sentem oprimidos e não tem poder de fala. Sendo assim, ao compartilharem suas experiências, os estudantes demonstram que a escola pode ser um espaço de valorização da diversidade cultural para todos. Assim como, D’Ambrósio (2001) destaca em seu livro:

Ao reconhecer que os indivíduos de uma nação, de uma comunidade, de um grupo compartilham seus conhecimentos, tais como a linguagem, os sistemas de explicações, os mitos e cultos, a culinária e os costumes, e têm seus comportamentos compatibilizados e subordinados a sistemas de valores acordados pelo grupo, dizemos que esses indivíduos pertencem a uma cultura. No compartilhar conhecimento e compatibilizar comportamento estão sintetizadas as características de uma cultura. Assim falamos de cultura da família, da tribo, da comunidade, da agremiação, da profissão, da nação. (D’Ambrósio, 2001, p. 19).

O aluno AC destacou: “Eu gosto quando o professor fala devagar e me explica na classe, porque assim eu entendo melhor”. Já o aluno AA relatou uma grande dificuldade na comunicação com os discentes e sugeriu: “mudaria se os professores falassem espanhol com nós porque é difícil a comunicação na maioria das vezes”. Essa percepção conecta-se com Skovsmose (2001), que defende uma educação crítica e dialógica, capaz de criar condições para que todos participem do processo de aprendizagem. A adaptação pedagógica relatada pelos alunos evidencia a prática de uma educação que problematiza barreiras e promove o desenvolvimento. Ele defende que

[..] a educação matemática crítica procura compreender que a matemática não é apenas um conjunto neutro de técnicas, mas um empreendimento humano profundamente ligado a projetos sociais. Assim, ensinar matemática envolve criar



oportunidades para que os alunos investiguem, questionam e problematizam o uso da matemática nas práticas sociais. A crítica, nesse sentido, não se reduz a negar ou rejeitar conhecimentos, mas implica uma postura reflexiva diante das formas pelas quais a matemática participa da organização da vida em sociedade. (Skovsmose, 2001, p. 123).

Outrossim, apesar dos obstáculos os discentes buscam alternativas para adaptar-se à comunidade local e aprenderem o idioma. O aluno AC mencionou-me que apesar da obstaculiza linguística os pais incentivam o estudo e a leitura, pois ele comprou livros na feira do livro, a partir da leitura ele prática o português.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A pesquisa realizada na escola campo demonstra que a inclusão de estudantes estrangeiros no ensino fundamental é um processo que exige esforços conjuntos entre a equipe diretiva, professores e comunidade escolar. Apesar das dificuldades iniciais, a convivência intercultural promove benefícios significativos para todos os envolvidos, pois como afirma Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão” (Freire, 1996, p. 68).

Os docentes recebem os alunos em sala de aula e buscam, individualmente, ensinar de várias formas para acolhê-los, dado que não recebem nenhum treinamento ou formação inerente para trabalhar neste contexto de ensino. Portanto, neste cenário educacional, muitos profissionais não têm acesso a fundamentos teóricos que possam orientar suas práticas escolares, como os princípios da língua portuguesa, que é um dos fatores mais agravante como vimos nesta pesquisa, também materiais didáticos específicos para estudantes estrangeiros e, principalmente, os professores demonstram que não tem um preparo para avaliar e atuar com alunos de outras nacionalidades. Torna-se urgente, na formação de professores a inclusão de currículo adaptáveis e metodologias de ensino para saber como abordar e ensinar estudantes migrantes.

Os estudantes, por seu turno, são inseridos na escola através dos pais sem uma documentação adequada e histórico escolar e são incluídos nas turmas pela sua idade, após isso, via análise dos professores é verificado se o aluno sabe ler e escrever e se fica ou não naquele ano, caso contrário, ele faz uma prova de conhecimento para saber se permanece na série ou volta um ano. Diante disso, são inseridos nas aulas com vários conteúdos sem saber a língua portuguesa, e com isso, o ensino fica comprometido, pois eles participam das atividades sem entender nada. Mesmo com diversas dificuldades eles avançam de ano com os



outros alunos, porém não com a mesma qualidade de ensino. Como nos diz D' Ambrosio:

Na educação, estamos vendo um crescente reconhecimento da importância das relações interculturais. Mas, lamentavelmente, ainda há relutância no reconhecimento das relações intraculturais. Ainda se insiste em colocar crianças em séries de acordo com idade, em oferecer o mesmo currículo numa mesma série, chegando ao absurdo de se proporem currículos nacionais. E ainda maior é o absurdo de se avaliar grupos de indivíduos mediante testes padronizados. Trata-se efetivamente de uma tentativa de pasteurizar as novas gerações! (D' Ambrosio, 2001, p. 61).

A partir dos referenciais teóricos, conclui-se que a inclusão escolar deve ser entendida como transformação das práticas pedagógicas e sociais, e almejar a construção de uma sociedade para todos, diante disso, é necessário que políticas públicas sejam fortalecidas para apoiar escolas que recebem alunos imigrantes, garantindo recursos e formação adequada para os profissionais da educação. Entende-se que ações de acolhimento, ensino e metodologias são necessárias para atender os estrangeiros, partindo de uma formação para a equipe diretiva, professores, servidores e pessoas atuantes na escola, para que possa acontecer um atendimento especial e acolhedor para os alunos. Sugere-se, a formação de grupos de estudos linguísticos no novo idioma. Por fim, são muitos os desafios abordados no ensino fundamental de estudantes estrangeiros, o que se faz necessário que o ambiente escolar brasileiro busque formas de trabalhar essa transformação e contexto migratório, por forma a garantir o ensino aos discentes de forma igualitária, desenvolvendo a interculturalidade dos cidadãos.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Virgínia Cardia. SKOVSMOSE, O. **Educação Matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas: Papyrus, 2001, Coleção Perspectivas em Educação Matemática, SBEM, 160 p.

BALZAN, Carina Fior Postinger. **Os desafios no acolhimento e no ensino de língua portuguesa para estudantes imigrantes e refugiados na Educação Básica**. Gragoatá, Niterói, v. 30, n. 63, p. 1-20, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/53123/33902>>. Acesso em: 07 dez. 2025.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/censo2022>>. Acesso em: 07 dez. 2025.



MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

REMAT – **Revista Eletrônica da Matemática**. *Sobre a Revista*. Bento Gonçalves: Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/remat>>. Acesso em: 3 dez. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SKOVSMOSE, Ole. *Educação matemática crítica: questões, reflexões e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2001.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I

#### QUESTIONÁRIO - EQUIPE DIRETIVA

1. Há quanto tempo a escola recebe alunos venezuelanos?
2. Quantos alunos venezuelanos estão atualmente matriculados na escola?
3. A escola possui algum plano de acolhimento específico para alunos estrangeiros e sua família?
4. Quais dificuldades a escola enfrenta no processo de inclusão desses alunos?
5. A escola oferece algum tipo de formação para os professores sobre diversidade cultural ou ensino de alunos imigrantes?
6. Na sua opinião, a presença dos alunos venezuelanos contribui para um ambiente escolar mais diverso e enriquecedor?
7. Que ações a escola pretende fortalecer para melhorar o acolhimento e o aprendizado dos alunos venezuelanos?

### APÊNDICE II

#### QUESTIONÁRIO - PROFESSORES(AS)

1. Qual disciplina você ensina?
2. Você já teve alunos venezuelanos em sua turma?
3. Caso sim, qual foi o principal desafio enfrentado?
4. Você adapta suas estratégias e planos de ensino para atender esses alunos?
5. Caso sim, descreva uma atividade que você já fez com os estudantes?
6. Você percebe que os alunos venezuelanos se sentem acolhidos e integrados na turma?



7. Em sua opinião, qual é o papel da escola no processo de integração cultural e linguística desses alunos?
8. Que ações pedagógicas você considera eficazes para melhorar o aprendizado e a inclusão dos alunos venezuelanos?

